

Notas que (trans)bordam um arquivo a conhecer¹

Notes that transgress: an archive to know

Vanise Medeiros*
Raphael Mendes**

RESUMO

O século XIX constituiu-se como um período importante para o entendimento da historicidade da língua em solo brasileiro. Ancorado no campo teórico da História das Ideias Linguísticas (Auroux) na relação com a da Análise do Discurso (Pêcheux, Orlandi), neste artigo, tem-se como objetivo dar a saber da composição de um arquivo construído a partir das notas de rodapé de Alencar em dois de seus romances, *O Guarani e Iracema*, totalizando 202 entradas. As notas, sobre palavras e expressões, dizem respeito à língua e funcionam como verbetes. Nossa posição é a de que as notas de rodapé de Alencar se inscrevem na intensa produção de vocabulários do século XIX no Brasil, não apenas como listagens de palavras, mas no exaustivo trabalho daquele que captura, descreve e interpreta. Tal arquivo irá permitir estudos diversos sobre a língua no século XIX bem como possibilitará uma reflexão sobre o lugar do escritor na gramatização da língua em solo brasileiro.

Palavras-chave: arquivo, léxico, século XIX, Alencar.

Recebido em 30 de maio de 2020.

Aceito em 28 de agosto de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.442>

*Universidade Federal Fluminense, Faperj, CNPq, vanisegm@yahoo.com.br,
<http://orcid.org/0000-0002-6998-9377>

**Universidade Federal Fluminense, raphael_mendes@live.com,
<https://orcid.org/0000-0002-7256-0707>

1 Este artigo decorre dos projetos Faperj CNE (Proc. n.o E-26/211.459/2019), CNPq (PQ, Proc. 305428/2018-7) e do projeto de Iniciação Científica PIBIC/UFF.

ABSTRACT

The 19th century is an important period for understanding the historicity of the language on Brazilian soil. Anchored in the theoretical field of the History of Linguistic Ideas (Auroux) in relation to that of Discourse Analysis (Pêcheux, Orlandi), in this article, we aim to inform about the composition of an archive built from the footnotes of Alencar in two of his novels, *O Guarani* and *Iracema*, totaling 202 entries. These notes, on words and expressions, refer to the language and act as entries. Our position is that Alencar's notes are part of the intense production of vocabularies of the 19th century in Brazil, not only as word lists, but in the exhaustive work of the one who captures, describes and interprets them. This archive will allow different studies on the language in the 19th century, as well as work on reflections on the writer's place in the grammatization of the language on Brazilian soil.

Keywords: archive, lexicon, 19th century, Alencar.

*Observar a história dos documentos,
os percursos que eles realizam,
leva a compreender melhor a
produção do conhecimento.*

NUNES, 2008

1. Breves palavras acerca do arquivo

“Um arquivo nunca é dado a priori”, nos lembra Guilhaumou e Maldidier (1997, p. 163) ao tratar, dentre outros aspectos pertinentes ao arquivo, daquele que diz respeito à leitura. Ler um arquivo, seguindo com tais autores, não decorre de uma suposta transparência dos documentos, mas de procedimentos de leitura, ou, dito de outro modo, um arquivo se constrói a partir dos dispositivos de leitura dos pesquisadores, afinal, um “arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes.”(idem, p. 163). O presente artigo tem seu germen a partir de projetos que conjugam leitura e composição de arquivos. Por um lado, procede de leituras de textos literários do século XIX que apresentam saberes sobre língua em suas margens – o que,

como já dito em outros trabalhos (MEDEIROS, 2017), configura um arquivo de leitura sobre língua no século XIX –; por outro lado, propõe a construção de arquivos de língua a partir de tais margens. Uma construção que, importa salientar, também pressupõe gestos teóricos e analíticos de leitura.

A perigrafia no século XIX é rica e consistente: são muitas as advertências, cartas e dedicatórias, notas ao final ou ao pé de página; são numerosos os prólogos e posfácios; são diversas as revisões com alterações e comentários do autor. Nesse diversificado material que se apresenta nas bordas dos textos se lê sobre Brasil; nele se discute sobre literatura, língua, história, para ficarmos com três dos campos deveras presentes; nele se acena para o passado e para o devir. Não passam incólumes; são relevantes para a história do conhecimento literário, social, cultural, e, para ficar com nosso interesse aqui, das línguas.

Neste artigo, temos como objetivo dar a saber da composição de um arquivo, composto a partir das notas de alguns romances indianistas de José de Alencar, bem como trazer à luz parte deste arquivo, a saber, aquela com notas dos romances *O Guarani* e *Iracema*. Como já indicado em outros trabalhos (MEDEIROS, 2014, 2016, 2017, 2019), em vários dos romances de Alencar as notas se fazem presentes. Inúmeras e por vezes mais extensas que a prosa, como é caso em *Ubirajara*, elas constituem um acervo importante da língua: iluminam os estudos lexicográficos empreendidos pelo autor bem como possibilitam novas e necessárias pesquisas em diversos campos de conhecimento acerca da linguagem, como é o caso, para citar um exemplo, da História das Ideias Linguísticas. Em poucas palavras, se Alencar é uma referência incontestável para a literatura brasileira, não o é sem seus estudos sobre a língua.

Nunes (2008), ao refletir sobre discurso documental, propõe uma distinção entre textos documentados e textos documentadores. Considerando a documentação linguística, os documentados seriam as obras, ao passo que os documentadores consistiriam em “descrições, comentários, resumos, indexações, bibliografias, periodizações, etc.”. As notas de Alencar fazem parte deste segundo grupo: elas glosam, tal como os comentários, portando nesta dobra

sobre a palavra, saberes dicionarísticos e enciclopédicos (ESTEVES, 2014).

Ainda uma observação acerca do arquivo que ao final se expõe. Auroux (1992), ao tratar do nascimento das metalinguagens, nos acena para três categorias de “trabalhos consagrados à história dos conhecimentos linguísticos”, quais sejam:

- i. os que visam a constituir uma base documentária para a pesquisa empírica;
 - ii. os que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam (por exemplo, trabalho de um filólogo das línguas clássicas sobre a gramática, a filologia ou a lógica grega);
 - iii. os que têm um papel fundador, voltando-se para passado para legitimar uma prática contemporânea.”
- (AUROUX, 1992, p. 11)

Nossa proposta incide, diremos, sobre a primeira das categorias, isto é, pretendemos que nosso arquivo, concebido a partir das notas de Alencar, possa servir para outras pesquisas e estudos tanto sobre línguas quanto sobre produção de conhecimento.

2. Das notas ao arquivo

As notas bordam e transbordam os romances de Alencar. Presentes nos rodapés ou ao final, tecem margens que ampliam outras margens. Dizem da língua, dos sujeitos e de outros saberes. Inscritas em um contexto de descolonização linguística² (Orlandi, 2002) e de gramatização da língua nacional no Brasil no século XIX³, é possível pensar as notas como instrumentos linguísticos, uma vez que

2 Num contexto de pós independência do Brasil, a unidade nacional em muito passava pela necessidade de uma língua nacional. Nesse sentido, conforme Orlandi (2002), a produção de saberes metalinguísticos “produzidos do lado de cá do Atlântico” denotam a tentativa do Brasil em ser uma nação própria e não dependente de Portugal.

3 No século XIX surgem os primeiros dicionários monolíngues no Brasil. Acerca da produção dos primeiros dicionários brasileiros, ver Nunes (2003).

“Marcados ou não no corpo, tais notas, sobre palavras e expressões, dizem respeito à língua, funcionam como verbetes e vão compondo glossários sobre a língua. Constituem, assim, instrumentos linguísticos, artefatos sobre a língua que, como nos fala Auroux, afetam a língua, isto é, não deixa “intactas às práticas linguísticas humanas” (AUROUX, 1992, p.70)” (MEDEIROS, 2015).

Das notas de rodapé de José de Alencar podemos dizer que fazem parte de um gesto inaugural de produção de glossários de literatura no Brasil e que nos fornecem pistas importantes para entender o processo de institucionalização da língua no Brasil. Funcionam como instrumentos linguísticos. Segundo Auroux (1992), os instrumentos linguísticos são compreendidos como produtos do processo de gramatização, entendida como “o processo que conduz a língua na base de duas tecnologias ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (idem, pág 65). Os glossários, ampliando a noção proposta por Auroux, também cumprem este papel.

Ainda sobre instrumentos linguísticos, Nunes (2008a) nos diz que “constroem uma unidade para a língua, [...] e a produção dessa unidade não é jamais neutra, ela é condicionada pelo funcionamento da representação linguística, que é também uma representação política” (ibidem, p. 120). Tomemos, como exemplo, a publicação de *O Guarani*, inicialmente em folhetim no Diário do Rio de Janeiro e lançado em livro em 1857. Coincidentemente, tal ano corresponde aos 100 anos da proibição da língua tupi em solo brasileiro. Não é o caso de traçar uma relação direta entre tais acontecimentos, mas não se pode deixar de considerar que o século XIX está envolto em questões linguísticas, atreladas à formação de um Estado nacional independente, e a trilogia indianista de José de Alencar não é indiferente a tais questões. São extensas e inúmeras as notas sobre língua e formas de vida indígenas, como se pode observar em parte do arquivo construído e exposto na terceira parte deste artigo.

É preciso lembrar que, neste momento de descolonização linguística, a produção de saberes metalinguísticos se intensifica. Há uma produção de

uma memória documental, entendida como “um espaço estratificado de formulações” (NUNES, 2008, p. 86), em que “os estudiosos da linguagem no século XIX trabalham essa memória visando à construção de uma história do Brasil, na qual se interpretam os textos dos missionários em vista da construção de uma imagem do Tupi Antigo como língua originária romantizada, argumento para uma identidade nacional” (idem, pág. 86). Os dicionários produzidos aqui serviam inicialmente para complementar os dicionários portugueses, mas, ao final do século XIX, os dicionários de brasileirismos começam a ser elaborados com o objetivo de trazer à luz o léxico brasileiro. É neste cenário que se inscrevem as abundantes notas que Alencar insere em seus romances. Elas fazem parte do gesto de dar a conhecer sobre o Brasil e de servir à literatura. Observe-se o fragmento abaixo retirado do prefácio da 1ª edição impressa de *O Guarani*:

As notas que vão no fim explicarão algumas cousas que muitos não conhecem, por serem especialísimas ao interior do Brasil; ahí verá o leitor que a imaginação não fez mais do que dar algum colorido a costumes nacionaes, que podem se tornar uma fonte de poesia para a nossa literatura. (ALENCAR, *O Guarani*, 1857)⁴

Em poucas palavras, elas servem à formação de nação e de sujeitos nacionais. E servem ainda à formação da língua nacional, como apontamos anteriormente, como nos lembra Nunes (2002, p. 111) – “A literatura teve um papel importante na produção brasileira a partir da elaboração de léxicos anexos a romances, como em *Diva* de José de Alencar (1865)⁵” –, e como a leitura dos verbetes nos permitem constatar.

4 Em todos os verbetes foram preservadas as grafias originais.

5 No caso, *O Guarani* antecede *Diva*. Há diferenças significativas entre os dois romances no que diz respeito às notas. *Diva* se concentra no ambiente urbano e aí se encontram neologismos pelo autor ao lado de uma acirrada discussão sobre língua (Medeiros, 2017; 2019)

Indo adiante, as notas de Alencar nos mostram a historicidade da língua assim como o seu processo de institucionalização no Brasil, o que se pode observar quando, em *Iracema*, por exemplo, o verbete trata da formação de palavras e da etimologia ou quando se discute a legitimação de determinadas ortografias em detrimento de outras. Veja-se o verbete *Marangab*:

Marangab: A serra da Maranguape distante cinco léguas da capital, e notável pela sua fertilidade e formosura, o nome indígena compõe-se de *maran* guerrear e *coaub* sabedor; *maran*, talvez seja abreviação de *maramonhang*, fazer guerra, se não é, como eu penso, o substantivo simples guerrear, de que se fez o verbo composto. O Dr. Martius traz ethmologia diversa. *Mara*, arvore, *angai*, de nenhuma maneira, *guabe*, comer. Esta ethmologia nem me parece própria ao objecto que e uma serra, nem conforme com os preceitos da língua. (ALENCAR, *Iracema*, 1865)

Neste trecho podemos constatar como a discussão sobre a etimologia da palavra se faz presente. Alencar aí se configura como um legislador da língua, na medida em que mostra diversas fontes, elaborando um grande trabalho de pesquisa e averiguação das mesmas, para, ao final, emitir seu parecer sobre qual seria a melhor grafia e origem. Para justificar sua posição, afirma que a etimologia de Dr. Martius não está em conformidade com “os preceitos da língua”. Mais uma vez, se torna visível o fato de que o glossário funciona como um campo de disputas sobre língua nacional, com seus acréscimos advindo de outras línguas e com a relação entre elas. Línguas outras, vale lembrar, descritas à luz de parâmetros da língua portuguesa, num processo de exogramatização⁶. Ler tais verbetes corroboram para o argumento de que

6 Conforme Auroux, o processo de gramatização “corresponde a uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas, transferência que não é, claro, nunca totalmente independente de uma transferência cultural mais ampla” (AUROUX, 1992, p 74). Tal transferência pode se dar por endotransferência, quando os locutores são nativos; e por exotransferência, quando não o são, caso da produção de Alencar ao descrever o léxico em suas notas.

a disponibilização desse glossário permitirá a ampliação do entendimento da historicidade da língua em solo brasileiro, atrelada a produção de saberes metalinguísticos no século XIX.

A leitura dos verbetes nos permitem ainda mais. Conforme Auroux (1992), o saber tem espessura temporal:

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência, ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina, o idealiza do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 11-12)

O glossário que as notas compõem nos possibilita, na constituição do saber linguístico, perceber essa temporalidade ramificada e descortinar de imediato um horizonte de retrospectão que nele se inscreve em seus verbetes com sua referência e ir em busca de seus horizontes de projeção. Dessa forma, há tanto uma memória quanto uma atualização dessa memória, projetando-a para o futuro. Observem-se as referências nos dois verbetes de *Iracema*.

Ibyapaba: Grande serra que se prolonga ao norte da província e a extrema com Piauhy. Significa terra aparada. **O Dr. Martius em seu glossario** lhe attribue outra athmologia. *Iby* -terra — e *pabe* — tudo. **A primeira porém tem a autoridade de Vieira.** (ALENCAR, *Iracema*, 1865, grifos nossos)

Pocema: grande alarido que faziao os selvagens nas occasiões solemnes como em começo de batalha, ou nas expansões da alegria; **é palavra adoptada ja na língua portugueza e inserida no dictionario de Moraes.** Vem de pomão e cemo clamar; clamor das mãos, porque os

selvagens acompanhavam o vozear com o bater das palmas e das armas.
(ALENCAR, *Iracema*, 1865, grifo nosso)

Em *Ibyapaba*, é possível notar o espaço de disputa em que a língua está inserida estabelecido através do confronto entre definições de dois autores Dr. Martius e Vieira. Embora o mesmo verbete se encontre nas duas fontes, a autoridade sobre ele advém de Vieira. Já com *Pocema*, ficamos sabendo que se trata de palavra de língua indígena já adotada na língua portuguesa, ou seja, como já constando de um dos mais importantes dicionários do século XIX: o dicionário de Moraes. Nessas e em outras notas, com suas referências e citações, descortinamos um horizonte de retropecção. Com efeito, nas notas nesses romances, assim como em *Ubirajara*, encontra-se uma variedade de autores citados: de viajantes e expedicionários em terras brasileiras a escritores, historiadores, filólogos e lexicógrafos. Observe-se o verbete cipós:

Cipós: Diz Gabriel Soares: — “Deo a natureza no Brasil, por entre os arvoredos, umas cordas muito rijas, muitas que nascem aos pés das arvores e atrepão por ellas acima, a que chamão cipós, com que os indios atão a madeira de suas casas e os brancos que não podem mais. Nestes mesmos mattos se crião outras cordas mais delgadas e primas a que os indios chamavão « timbós », que sao mais rijas que os cipós acima.” (ALENCAR, *O Guarani*, 1857).

Nessa nota, por exemplo, a definição se resume a um fragmento advindo de Gabriel Soares a respeito desse elemento da flora brasileira. E nela lemos as mais diversas informações sobre a natureza dos cipós. “Deo a natureza no Brasil” faz significar o solo brasiliro como particular, como único. Também se relata onde crescem os cipós, seu formato e durabilidade: “cordas muito rijas”. Seu uso serve para atar a madeira das casas devido a sua rigidez e facilidade de utilização, uma vez que é parecido com uma corda. Em poucas palavras, por essas notas circulam saberes e costumes dos povos indígenas, assim como conhecimentos sobre a fauna e a flora brasileira.

Em curarê, outras são as observações:

Curarê "Le bororé dont le reverend père Gumilha a donné la description dans son *Orenoco illustrado* parait être exactement le même dont l'Abbé Gilly parle dans son histoire de l'Amerique et q'on designe aujourd'hui par le nom de Curarê. Suivant Mr. Humboldt est un striehnos, et il ne faut pas le confondre avec le tucunas composé toxicue* dont parle Mr. de La Condamine dans la relation de son voyage aux Amazones. >> - DR. SIGAUD, - Du Climat et des Maladies du Bresil." (ALENCAR, *O Guarani*, 1857)⁷

Trata-se de um verbete escrito em francês, o que nos traz pistas importantes sobre o leitor e sobre o alcance da literatura de José de Alencar. Em um país com um alto índice de analfabetismo, quem poderia ler este tipo de nota escrita em uma língua estrangeira? Para Abreu (2011), nos romances de Alencar encontram-se dois universos narrativos: aquele do enredo e aquele das notas. No primeiro, teríamos um narrador contemplativo; no outro, um narrador histórico. Diremos que sobre o segundo incide a posição lexicógrafo (MEDEIROS, 2017). São posições que implicam, por vezes, leitores distintos.

Ainda sobre curarê, somos levados a outros saberes, no verbete seguinte:

Em algumas horas: Sobre a violencia do Curaré diz ainda o Dr. Sigaud o seguinte : “En 1830 le president C. J. de Nyemer aporta du Pará à Rio de Janeiro une petite portion de Curaré qu'on fit prendre à petite dozes á divers animaux qui tous ont suceombeén pen d'heures dans des convulsions violentes. Le docteur Lacerda qui a long temps pratique au Pará et au Maranhão a fait, dit-on, d'importantes recherches sur les

7 “O curarê que o Reverendo Padre Gumilha descreveu em seu *Orenoco Illustrado* parecer ser exatamente o mesmo que l'Abbé fala em sua *Historie de L'Amerique* e que designamos atualmente pelo nome de Curarê. De acordo com Mr. Humboldt, trata-se de um striehnos e não deve ser confundido com o composto tóxico dos tucunas que fala Mr. de La Condamine em seu relato de sua viagem ao Amazonas” (tradução nossa).

poisons indiens encore inédites ; le Curaré est de son aven un poison violent causant d'abordun état tetanique, ensuite une torpeur generale qui precede la mort." (ALENCAR, *O Guarani*, 1857)⁸

Como é possível observar, essa nota porta uma reflexão sobre aspectos médicos e psicóticos que o veneno causa. Não somente, aí se trata também da posologia e da duração dos efeitos no organismo. Com a citação ficamos sabendo que há pesquisas sobre as porções indígenas que ainda são inéditas e que poderiam ajudar no entendimento da atuação do Curaré. As referências e citações nos mostram ainda a circulação desses saberes em lugares outros. Com efeito, com as notas abre-se uma janela que nos permite descortinar um horizonte de que questões e reflexões sobre o século XIX, um horizonte rico para conhecimentos diversos e sobretudo para pesquisas linguísticas.

3. Da composição do arquivo e do arquivo a conhecer

O arquivo que se pode ler a seguir conta com 202 notas dos dois romances selecionados, a saber, *O Guarani* e *Iracema*. No primeiro se encontram 74 notas e no segundo 128. As notas de rodapé na primeira edição dos livros de *O Guarani* e *Iracema* se situam ao final do romance. *O Guarani*, por se tratar de um livro dividido em quatro partes, as notas aparecem ao final de cada partição. O trabalho aqui empreendido de construção de um arquivo de língua, ancorado na articulação entre os campos teóricos da Análise do Discurso e da História das Ideias Linguísticas, permite que se mergulhe neste universo linguístico oitocentista e que se possa, a partir dele, tecer análises outras e dar curso a futuras pesquisas.

8 “Em 1830 o presidente C.J. de Nyemer aporta do Para ao Rio de Janeiro uma pequena porção do Curaré que foram bebidas em pequenas doses por diversos animais e todos sucumbiram em poucas horas em convulsões violentas. O Dr. Lacerda, que há muito tempo pratica no Pará e no Maranhão, fez importantes pesquisas sobres os peixes indígenas ainda inéditos; o Curaré é um veneno violento que causa primeiro um estado tetânico e, conseqüentemente, um torpor geral que precede a morte” (tradução nossa).

Ainda sobre sua montagem, é preciso explicar que foi articulado da seguinte forma: os verbetes foram (i) listados de acordo com seu aparecimento no livro; (ii) transcritos conforme se apresentam, isto é, mantendo a grafia original; (iii) indicadas as partes do livro. Essa versão está disponibilizada em <https://gal.hypotheses.org/arquivos-das-margens>, onde é possível realizar buscas na tabela feita utilizando o Excel. Lá se encontra também o fragmento do romance de onde sai a nota. Para o presente artigo, optamos por trazer verbete e definições. Para a composição do arquivo, trabalhamos com as primeiras edições que foram obtidas com Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1>)⁹.

Por fim, cabe salientar que se trata de uma edição exaustiva e inédita de suas notas, que denunciam o criterioso estudo sobre línguas por este grande escritor oitocentista. É hora de ir ao arquivo.

Tabela 1. Arquivo das notas de *O GUARANI* (ALENCAR, 1857)^{10,11}

Parte I	
Guarany	O título qua damos a este romance significa o <i>indigena brasileiro</i> . Na ocasião da descoberta, o Brasil era povoado por nações pertencentes á uma grande raça, que conquistára o paiz havia muito tempo, e expulsára os dominadores. Os chronistas ordinariamente designvão esta raça pelo nome—Tupi; mas esta denominação não era usada senão por algumas nações. Entendemos que a melhor designação que se lhe polia dar era a da lingua geral que fallavão, e que naturalmente lembrava o nome primitivo ria grande nação, antes de sua divisão.
O Paquequer	Para se conhecer a exactidão dessa descripção do rio Paquequer naquella época, lêa-se B. da Silva Lisboa— <i>Annaes do Rio de Janeiro</i> 1º tomo pag. 162. Hoje as grandes plantações de café transformáráo Inteiramente aquelles lugares outr'ora virgens e desertos.

continua

9 Uma observação: edições mais recentes de ambos os romances suprimem alguns verbetes.

10 Edição disponível na Biblioteca Brasileira: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4655>

Brasão d'armas	Este brasão da casa dos <i>Marizes</i> é histórico ; nos mesmos <i>Annaes do Rio de Janeiro</i> tomo 1º pag. 329 acha-se a sua descrição.
D. Antonio de Mariz	Este personagem é histórico, assim como os factos que se referem ao seu passado, antes da época em que começa o romance. Nos <i>Annaes do Rio de Janeiro</i> tomo. 1º pag. 328 lê-se uma breve noticia sobre sua vida.
D. Pedro da Cunha	Deste projecto de transportar ao Brasil a corôa portugueza, falla o Sr. Warnhagen na sua Historia do Brasil.
Aventureiros	O costume que tinham os capitães daquelle tempo de manterem uma banda de aventureiros ás suas ordens, é referido por todos os chronistas. Esse costume tinha o quer que seja dos usos da média-idade, e a necessidade o fez reviver em nosso paiz onde faltavão tropas regulares para as conquistas e explorações.
D. Diogo de Mariz	Este personagem tambem é histórico. Em 1607 era provedor da alfandega do Rio de Janeiro, cargo que tinha servido seu pai alguns annos antes.
Um indio	O typo que descrevemos é inteiramente copiado das observações que se encontrão em todos os chronistas. Em um ponto porém varião os escriptores ; uns dão aos nossos selvagens uma estatura* abaixo da regular ; outros uma estatua alta (sic). Neste ponto preferi guiar-me por Gabriel Soares que escreveu em 1580, e que nesse tempo devia conhecer a raça indigena em todo o seu vigor, e não degenerada como se tornou depois.
Forcado	Esta maneira de caçar uma onça que a muitos parecerá extraordinaria, é referida por Ayres do Casal. Ainda hoje no interior ha sertanejos que cação deste modo, e sem o menor risco ou difficuldade, tão habituados já estão.
Ticum	O ticum é uma palmeira de cujos filamentos os indios usavão como os europeos do Snho. Della se servião para suas redes de pesca, para cordas de arco e outros misteres ; o fio preparado por elles com a resina de almecega era fortissimo.
Biribá	O biribá era a arvore com que os indigenas tiravão fogo por meio do attrito, roçado fortemente um fragmento de encontro ao outro. B. da S. Lisboa.— <i>Annaes</i> .
Gardenia	E' o nome scientifico que Fr. Velloso na sua <i>Flora Fluminensis</i> dá á açucena silvestre ; nos nossos campos encoutra-se essa flor dé* varias côres; a mais commum é a branca e escarlate.

continua

Pery	E' uma palavra da lingua guarany que significa —junco silvestre. Todos os nomes dos nossos indígenas erão* ordinariamente de animaes ou de arvores, como succede com todos os povos selvagens.
Oleo	E' uma das arvores mais elevadas de nossas florestas; cresce a mais de cem palmos, e o tronco chega á uma extraordinária grossura.
Hirara	Especie de gato selvagem, indigena do Brasil: em Ayires do Casal, <i>Topographia Brasilica</i> se encontra* a descripção deste animal, assim como de outos de que fallamos.
Soffer	E' um lindo passaro do Brasil, côr de ouro, com os encontros de um negro brilhante. O seu canto doce imita a palavra soffrer, razão por que os primeiros colonos lhe derão esse nome.
Cecy	E' um verbo da lingua guarany que significa magoar, doer. roucas palavras se enoutrão na nossa lingua mais suaves e melodiosas do que esta.
Sapucaia	Arvore de alta grandeza, que dá um fructo do tamanho e da confeição de um côco.
Pequiá	Arvore de mais de cem palmos de altura, que tem uma pequena flor de brilhante escarlata ; floresce nos mezes de setembro e outubro.
O cactus	Temos differentes especies de cactus ; os mais lindos são o branco, o rosa e o amarello, a que os indígenas chamavão urumbeba. Todos elles abrem á meia noite e fechão ao despontar do sol.
Graciola	E' o nome scientifico que Fr. Velloso na sua <i>Flora Fluminense</i> dá á pequena flor azul de um arbusto indigena.
Malvalisco	Nome que Saint-Hilaire deo á uma espécie de malva indigena brasileira, cuja flor é escarlata.
Viuvinha	Pequeno passaro negro que canta ao amanhecer ; dizem ser o primeiro que saúda o nascimento do dia.
Jasmineiro	Ha uma especie de jasmineiro indigena do Brasil; assim o dizem os dous botânicos que citámos acima.
Bem te-vi	O canto deste passarinho é uma das curiosidades da nossa terra, que mais admirou aos Portuguezes ; muitos chronistas fallão disto. E com effeito a imitação das palavras é a mais perfeita possível.
Colhereira	E' uma das aves aquaticas mais lindas do Brasil ; suas pennas são de um bello côr de rosa.

continua

O cão	Diz o Sr. Warnagen na sua historia do Brasil que o cão era o companheiro constante do nosso indígena, ainda mais do que do europeu.
Cabuiba	A cabuiba ou cabureiba— <i>Balsamum Peruvianum</i> de Pison, <i>cabuiba iba</i> Marcgrave e <i>Miroxilem Cabriuva</i> de outros naturalistas— é uma arvore das nossas mattas de mais de cem palmos, e a que vulgarmente se chama arvore do balsamo. Destilla um licor louro de um cheiro agradável, que dizem milagroso para cura de feridas frescas. (Gabriel Soares, B. Lisboa e Ayres de Casal).
Formigueiro	No sertão encontrão-se frequentemente essas escavações subterrâneas, feitas por uma formiga, a que os índios chamarão <i>Taciahy</i> .
Garcia Ferreiro	Garcia Ferreira foi provido no officio de tabellião do Rio de Janeiro por Salvador Corrêa de Sá, em 15 de fevereiro de 1588. (B. da Silva Lisboa).
Roberto Dias	Roberto Dias offereceo a Felipe II o segredo de uma grande mina de prata, descoberta por elle nos sertões de Jacobina, provincia da Bahia ; pedia em troca o titulo de marquez das Minas, que não lhe foi dado. Essas minas falsas ou verdadeiras nunca se descobrirão. Roberto morreo na Hespanha pobre e desgraçado, recusando revelar o segredo das minas. (B. da S. Lisboa).
Parte II	
Convento do Carmo	“Logo que os carmelitas se estabelecerão em Santos, pela doação de José Adorno, de 1589, se passou ao Rio de Janeiro o padre frei Pedro, para fundar aqui o convento do Carmo. Supposto não conste com certeza o anno da fundação, é indisputavel todavia que fora entre 1589 e 1590, pois que já estava aquelle feito em 1595. Corria por tradicção geralmente ter sido o seo começo em 1590.” (B. da S. Lisboa, tom. 7º, cap. 2º, § 6.)
Loredano	Esta criação não tem nada de inverosimil. Ao contrario, o factio dessa immoralidade da ordem do Carmo, naquelle tempo, é não só natural, mas real e acontecido. No autor acima citado lê-se um breve do Nuncio Apostolico, Vicente Ranuzio, nomeando ao bispo do Rio de Janeiro visitador e reformador dos carmelitas, por causa dos muitos abusos commettidos nessa ordem. (B. da S. Lisboa, tom. 7º, pag. 102.)
Saio de algodão	Referem os chronistas que muitas tribus indias fiavão o algodão para vestir-se, fazer redes e outros objectos. No « Diccionario da Língua Brasilica » encontramos a palavra « guarina » significando « camizas, gibão. » Isto nos autorizou a apresentar um selvagem assim trajado , sem faltar em nada á verdade ; devendo-se notar que os Goytacazes erão uma das nações mais industriosas.

continua

Arvores de ouro	A sapucaia perde a folha no tempo da florescencia, e cobre-se de tanta flôr amarella que não se vê nem tronco, nem galhos ; o mesmo succede á embaiba ao páo* d'arco e outras arvores. (G. Soares. — Roteiro do Brasil e B. da S. Lisboa.—Annaes.) Sendo a época da florescência dessas arvores em setembro, a phrase figurada do indio traduz-se da seguinte maneira: — « Era o mez de setembro. »
O mais forte	E' sabido que entre as nossas tribus, o chefe era sempre aquelle que tinha maior reputação de valor e fortaleza. O principio de hereditariedade, se algumas vezes regulava a successão do mando, era ephemero.
Taba dos brancos	Allude-se á colônia da Victoria, hoje capital da provincia do Espirito Santo, que foi duas vezes arrancada pelos Goytacazes, Tupiniquins. E'um desses combates, que o indio conta de passagem.
Casa da Cruz	E' a expressão pela qual um selvagem poderia exprimir « a igreja. » Poderia dizer casa de Tupã ; mas seria confundir a sua religião com a dos seus inimigos.
Senhora dos brancos	Pela descripção que segue conhece-se* que o selvagem vio na igreja, na occasião do incêndio que devorou a villa da Victoria, uma imagem de Nossa Senhora, que o impressionou vivamente.
A estrella grande	O que dizem alguns chronistas, a respeito da ignorância absoluta dos indígenas sobre a astronomia, me parece* inexacto. Os Guaranis tinham esses conhecimentos rudes, filhos da observação. Chamavão a estrella — «jacy-tata » — fogo da lua ; suppunhão pois que a lua é que transmittia a luz ás estrellas. Conhecião as quatro phazes do lua:—a luanova «jacy-peçaçu» ; o quarto crescente «jacy-jemorotuçu » ; a lua cheia «jacy-çabaoçu;» e o quarto minguate «jacy-jearoca. » Dividião o anno em duas estações : a estação do sol « coaracyara » e a estação da chuva « amara-ara » ; sao as mesmas que hoje conhecemos, e as únicas que realmente existem no Brasil. Muitas outras observações podíamos fazer, que omittimos para evitar prolixidade.
O cajueiro	Esta imagem é a mais verdadeira possível: no tempo da muda das folhas, o tronco dessa arvore verte uma resina de que os índios fazião muito uso e que ainda hoje serve no norte para substituir a gomma-arabica.
O sabiá cantou	Esse tempo que o indio descreve, e que se poderia chammar a nossa primavera, é o tempo da quaresma; tudo reverdece ; os mattos cobrem-se de flores; os passarinhos cantão seus innocentes amores.

continua

Grande rio	Esta palavra é relativa : todas as nações chamavão assim o maior rio que havia no territorio que ellas conhecião, e é por isso que se encontrão tantos «rios grandes» nos nomes dos rios do nosso paiz. Para os Goytacazes o Rio-Grande era o Parahyba.
Gavião	O gavião é a nossa aguia, é o passaro mais altaneiro e que tem o vôo mais rapido. Muitos escriptores o compárão ao falcão europeu.
A nação goytacaz	Esses factos lêem-se em qualquer* dos escriptores que se tenham occupado dos primeiros tempos coloniaes do Brasil, e especialmente em G. Soares, que foi contemporaneo delles.
Colibri	A belleza desse pássaro é uma maravilha da natureza brasileira ; conhecem-se cerca de mil espécies, e os naturalistas ainda não puderão classifical-as todas.
Um canto	Os indios erão muito afeiçãoados á musica, e tinham diversos cantos como refere Lamartinière. Tendo de escrever uma imitação desses cantos, adoptei uma certa harmonia de períodos, uma certa cadência de phrases e mesmo de entonação, que devia para esses povos incultos supprir a metrificação da poesia. Não sabemos se fomos felizes no pensamento.
Cipós	Diz Gabriel Soares: “Deo a natureza no Brasil, por entre os arvoredos, umas cordas muito rijas, muitas que nascem aos pés das arvores e atrepão por ellas acima, a que chamão cipós, com que os indios atão a madeira de suas casas e os brancos que não podem mais. Nestes mesmos mattos se crião outras cordas mais delgadas e primas a que os indios chamavão « timbós », que sao mais rijas que os cipós acima”. A quantidade "infinita" de cipós é uma das originalidades das florestas do Brasil, e admirou os naturalistas estrangeiros que o visitárão."
Candeia	Diz o mesmo autor: “Ha uma arvore meã que se chama « ibiriba » a qual os indios fazem em fios para fachos, com que vão mariscar e para andarem de noute ; e ainda que seja verde, cortada daquella hora, pega o fogo nella como em alcatrão, e não apaga o vento os fachos della ; e em casa servem-se os índios de achas dessa madeira, como de candêas*."
Cauam	O « cauam» ou a « c auam'» é "um passaro que devora as cobras, pelo que ellas fogemdelle. Os indios, segundo affirma Ayres do Casal, imitavão o seo canto, quando andavão á noite pelo matto, e assim preservavão-se de serem mordidos.

continua

Setta por elevação	A destreza e a habilidade com que os índios atiravam a setta era tal, que os europeus a admiravam. Para atirarem por elevação, deitavam-se, seguravam o arco com os dois dedos dos pés e lançavam ao ar a setta, que, subindo, descrevia uma parábola e ia cair no alvo. Ainda há pouco tempo, no Pará se viam, nas aldeias de índios já cathequisados, pareos deste jogo, em que o alvo era um tronco de Bananeira decepado. O tenente Pimentel, filho do presidente de Matto-Grosso, foi assassinado na viagem pelos Índios deste modo, e cavalgando no meio de muitos cavalleiros. Nenhum foi ferido ; e todas as settas abatêrão-se* sobre o moço de quem os selvagens se querião vingar.
Parte III	
Crispim Tenreiro	Foi um dos fundadores do Rio de Janeiro ; era casado com D. Isabel Mariz, mulher de D. Antonio.
Aimorés	Era uma tribu de selvagens ainda mais barbaros do que os tupis ; assemelhavam-se á verdadeiras feras. Resava a tradicção indígena que provinhão de uma tribu da raça tapuia que em virtude de guerras se entranhára pelos sertões, e ahí separada das outras perdera os hábitos, os costumes, e até a lingua primitiva. A discripção que fazemos destes selvagens na quarta parte dispensa-nos de reproduzir aqui, o que lá dissemos.
Mussuranas	"« Os contrarios que os Tupinambás captivão na guerra ou de outra maneira, mettem-nos em prisões, as quaes sao cordas de algodão grossas, que para isso tem muito louças (sic) a que chamão mussuranas.—G. S. DE SOUZA.— <i>Roteiro do Brasil.</i> "
Esposa do Tumulo	"« Dão á cada um prisioneiro por mulher a mais formosa moça que ha na sua casa ; a qual moça tem o cuidado de o servir e dar-lhe o necessário para comer e beber. »— G. SOARES DE SOUZA.— <i>Roteiro do Brasil cap. 71.</i> "
Cardo	Cardo é o fructo da urumbeba e de outras palmas de espinhos de que ha differentes espécies ; é vermelho na casca, de polpa branca e sementes pretas.
Corrixo	<i>Corrixo</i> é um passarinho que tem o dom de arremedar a todos os outros. « Temos o pássaro que entõa Por mil differentes modos, Porque elle remeda a todos, Seu próprio nome é corrixo. » J. J. LISBOA. — Desc. Curiosa.
És livre	« Mas também ha algumas que tomarão tamanho amor aos captivos que as tomárão por mulher, que lhe derão muito geito para se acolherem e fugirem das prisões que elles cortão com alguma ferramenta que ellas ás escondidas lhe derão, etc. » — G. SOARES DE SOUZA. — <i>Roteiro do Brasil, Cap. 171.</i>

continua

Parte IV	
Sacrifício	Os costumes dos Aymorés não eram inteiramente conhecidos , por causa do afastamento em que sempre vivêrão dos colonos. Em algumas cousas porém assemelhavão-se á raça tupy ; e é por isso que na descripção do sacrificio aproveitamos o que dizem Simão de Vasconcellos e Lamartinière a respeito dos Tupinambás e outras tribus mais ferozes.
A sua bella lingua	Tomei a liberdade de fazer que o velho chefe Aymoré fallasse o guarany ; o que aliás era muito natural. Fr. Santa Rita Durão, no seu poema Caramurú, fez mais, porque attribuiu a Paraguassú o conhecimento da lingua portugueza, antes da chegada de Diogo Alvares.
Veneno	Os indigenas fabricavão diversos venenos, e a sua perfeição foi objecto de admiração para os colonisadores. Humboldt, á vista de seus conhecimentos toxicologicos, concluiu que devia ter havido na America igualmente uma grande civilisação, e que della havião os selvagens herdado esses usos. Os principaes desses venenos erão o bororé e o uirari.
Curaré	"Le bororé dont le reverend père Gumilha a donnè la description dans son Orenoco illustrado parait être exaetement le même dont l'Abbé Gilly parle dans son histoire de l'Amérique et q'on designe aujourd'hui par le nom de Curaré. Suivant Mr. Humboldt est un striehnos, et il ne faut pas le confondre avec le tucunas composé toxicue* dont parle Mr. de La Condamine dans la relation de son voyage aux Amazones. - DR. SIGAUD, - Du Climat et des Maladies du Bresil."
Em algumas horas	Sobre a violencia do Curaré diz ainda o Dr. Sigaud o seguinte : "En 1830 le president C. J. de Nyemer aporta du Pará à Rio de Janeiro une petite portion de Curaré qu'on fit prendre à petite dozes á divers animaux qui tous ont suceombeén pen d'heures dans des convulsions violentes. Le docteur Lacerda qui a long temps pratique au Pará et au Maranhão a fait, dit-on, d'importantes recherehes sur les poisons indiens encore inédites ; le Curaré est de son aven un poison violent causant d'abordun ètat tetanique, ensuite une torpeur generale qui* precede la mort."
Se eevão no sangue	Sobre esse costume de antropophagia dos Aymorés leia-se Lamartinière - Dicionario geographico - palavra Brasil. - G. SOARES Roteiro. - WARNAGEM. - Historia do Brasil.
Payas	Outros dizem payés ou pagés ; erão uma especie de sacerdotes e magieos dos indigenas.

continua

Contraveneno	Segundo Humboldt, o assucar é um contraveneno do Curarê. Os indios porém conheção naturalmente contras muitos mais efficazes, e que hoje ignora-se, do mesmo modo que o da cascavel.
Setta hervada	O Curarê tambem servia aos indios para hervarem as settas, e nesse caso tinha preparação especial. Vid. Gunilha. - Orenoco Illustrado.
Guanumbi	Segundo uma tradicção dos indios o colibri que conheção pelo nome de guanumbi levava e trazia as almas do outro mundo.
Iris	Diz Frei Velloso que a <i>Flora Fluminense</i> apresenta muitas variedades desta flôr.
Arvores aromaticas	Diz G. Soares que na casa onde se queima o urathay recende o cheiro por toda a rua.
Igara	Significa em guarany canôa ; atyaty* é o nome que davão á gaivota.
A inundaçào	Geralmente sabe-se que o Parahyba é sujeito a grandes inundações por causa da visinhança das serras que com as chuvas frequentes engrossão os seus confluents no inverno. Antigamente quando as matas não estavão destruídas, essas inundações erão muito maiores do que actualmente.
Tamandaré	E' o nome do Noé indígena. A tradicção resava que na occasião do deluvio elle escapara no olho de uma palmeira ; e depois povoara a terra. A lenda que conta Pery é uma imitacção.
Palmeira	Da possibilidade e verosimilhança do factõ em que materialisamos a tradicção indegena, fazendo Pery abrigar-se com Cecilia no olho de uma palmeira só duvidará quem não tiver visto essas arvores nos nossos sertões, sobretudo quando nas enchentes os rios as arrancão da margem, e as carregão na correnteza.

Tabela 2. Arquivos das notas de *IRACEMA* (ALENCAR, 1865)¹¹.

Onde canta a jandaia.	Diz a tradição que Ceará significa na língua indígena — <i>canto de jandaia</i> . Ayres do Casal, Congraphia Brasilica, refere essa tradição. O senador Pompêo em seu excelente dicionario topographico menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir <i>Siará</i> da palavra <i>suia-caça</i> , em virtude da abundância de caça que se encontrava nas margens do rio. Essa ethmologia é forçada. Para designar quantidade, usava a língua tupy da desinencia <i>iba</i> ; a desinencia <i>ára</i> junta, ãos verbos designa o sujeito que exercita a acção actual; junta aos nomes o que tem actualmente o objecto — exp. <i>Coatyara</i> — o que pinta — <i>Jussara</i> — o que tem espinho. <i>Ceará</i> é nome composto de <i>cego</i> — cantar forte, clamar, e <i>ara</i> , pequena arara ou periquito. Essa é a ethmologia verdadeira, e não só conforme com a tradição, mas com as regras da língua.
Giraó	Na jangada é uma espécie de estrado onde accomodão os passageiros: e as vezes o cobrem de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e zuspensa em forquilhas.
Rugitar	é um verbo de minha composição para o qual peço venia. Felinto Elisio creou <i>ruidar</i> de ruido.
Iracema	Em guarany significa lábios de mel—de ira —mel e <i>tembe</i> labios. <i>Tembe</i> na composição altera-se em <i>ceme</i> , como na palavra <i>ceme-yba</i> .
Grauna	é o pássaro conhecido de côr negra luzidia.—Seu nome vem por corrupção de <i>guira</i> pássaro e <i>una</i> ; abreviação de <i>pixuna</i> , preto.
Jaty	Pequena abelha que fabrica delicioso mel.
Ipú	Chamão ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fertil, que fôrma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões, e é de preferencia procurada para a cultura. Dahi se deriva o nome dessa comarca da provincia.
Tabajaras	Senhores das aldeias — de <i>taba</i> —aldeia—e — <i>jara</i> senhor. Essa nação dominava o interior da provincia, especialmente a Serra da <i>Ibyapaba</i> .
Oitycica	Arvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra.

continua

11 Edição disponível na Biblioteca Brasileira: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4660?locale=en>

Gará	Ave palludal, muito conhecida pelo nome de <i>guará</i> . Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é— <i>ig</i> , água e <i>ará</i> , arara; arara d'agua, pela bella côr vermelha.
Ará	periquito. Os indígenas como augmentativo usavão repetir a ultima sillaba da palavra e as vezes toda a palavra — como <i>murémuré</i> . <i>Muré</i> — fruta — <i>muremuré</i> grande fruta. <i>Arára</i> vinha a ser pois o augmentativo de ará, e significaria a espécie maior do gênero.
Urú	Cestinho que servia de cofre ás selvagens para guardar seus objectos de mais preço e estimação.
Crautá	Bromelia vulgar, de que se tirao fibras tão ou mais finas que as do linho.
Jussara	Palmeira de grandes espinhos, das quaes servem-se ainda hoje para dividir os fios da renda.
Uiraçaba	aljava—de <i>uira</i> seta e á desinencia— <i>caba</i> —cousa própria.
Quebrar a frecha	Era entre os indigenas a maneira symbolica de estabelecerem a paz entre as diversas tribus, ou mesmo entre dois guerreiros ennemigos. Desde já advertimos que não se extranhe a maneira porque o estrangeiro se esprime fallando com os selvagens: ao seu perfeito conhecimento dos usos e lingua dos indigenas, e sobretudo á ter-se conformado com elles aponto de deixar os trajos europeos e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influencia que adquirio entre os índios do Ceará.
Ibyapaba	Grande serra que se prolonga ao norte da provincia e a extrema com Piauhy. Significa terra aparada. O Dr. Martius em seu <i>glossario</i> lhe attribue outra athmologia. <i>Iby</i> -terra — e <i>pabe</i> — tudo. A primeira porém tem a autoridade de Vieira.
Igaçaba	de <i>ig</i> —aguá e a desinencia <i>çaba</i> — cousa própria.
Vieste	A saudação usual da hospitalidade era esta.— <i>Ere ioubê</i> —tu vieste? <i>Pa-aiotu</i> , vim, sim. Auge-be, bem dito. Veja-se Lery, pag. 286.
Jaguaribe	maior rio da provincia; tirou o nome da quantidade de onças que povoavão suas margens. Jaguar — onça — <i>iba</i> —desinencia para exprimir copia, abundancia.
Martim	Da origem latina de seu nome, procedente de Marte, deduz o estrangeiro á significação que lhe dá.

continua

Pytiguaras	Grandenação de índios que habitava o litoral da província e estendia-se desde o Parnayba até o Rio Grande do Norte. A orthographia do nome andamui viciada nas diferentes versões pelo que se tornou difficil conhecer a ethmologia. <i>Iby</i> significava terra; <i>iby-tira</i> veio a significar serra, ou terra alta. Aos valles chamavão os indígenas <i>iby-tira-cua</i> —cintura das montanhas. A desinencia <i>jara</i> senhor, acrescentada formou a palavra <i>Ibyticuara</i> —que por corrupção* deu <i>Pytiguara</i> —senhores dos valles.
Mão espirito da floresta	Os indígenas chamavão á esses espiritos caã-pora habitantes da mata, donde por corrupção veio a palavra eãipora iútrôduzida na língua portugueza em sentido figurado.
As mais bellas mulheres	Este costume da hospitalidade americana é attestado pelos chronistas. A elle se attribue o bello rasgo de virtude de Anchieta, que para fortalecer a sua castidade, compunha nas praias de Iperoigo o poema da <i>Virgindade de Maria</i> , cujos versos escrevia nas areias humidas, para melhor os polir.
Jurema	Arvore mean, de folhagem espessa; dá um fructo excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual juntamente com as folhas e outros ingredientes preparavão os selvagens uma bebida, que tinha o effeito do hatchis, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa fruia nelles melhor do que na realidade. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos Pagés, em proveito de sua influencia. <i>Jurema</i> é composto de <i>ju</i> -espinho e <i>rema</i> cheiro desagradável.
Irapuam	de <i>ira</i> -mel e <i>apuam</i> redondo: é o nome dado á uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua calmea. Por corrupção reduzio-se esse nome actualmente á <i>arapuá</i> . O guerreiro de que se trata aqui é o celebre Mel-redondo, assim chamado pelos chronistas do tempo que traduzião seu nome ao pé da lettra. Mel-redondo chefe dos Tabajaras da serra Ibyapaba foi encarniçado inimigo dos Portuguezes, e amigo dos Francezes.
Acaraú	O nome do rio é <i>Acaracú</i> —de <i>acará</i> garça — <i>co</i> —buraco, toca, ninho, e <i>y</i> —som dúbio entre i e u, que os portuguezes, ora exprimião de um, ora de outro modo, significando <i>agua</i> . Rio do ninho das garças é pois a traducção de <i>Acaracú</i> ; e rio das garças a de <i>Acaraú</i> . Usou-se aqui da liberdade horaciana para evitar em uma obra litteraria, obra de gosto e artistica, um som áspero e ingrato. De resto quem sabe si o nome primitivo não foi realmente <i>Acaraú</i> , que se alterou como tantos outros, pela introdução da consoante?
Estrella morta	A estrella polar por causa de sua mimobilidade; orientavão-se por ella os selvagens durante a noite.

continua

Boiciminga	a cobra cascavel—de <i>boia</i> , cobra e <i>cinga</i> chocalho.
Espíritos da treva	esses espíritos chamavam os selvagens <i>curupira</i> , meninos máos—de <i>curumim</i> , menino, e <i>pira</i> máo.
Boré	fruta de bambu, — o mesmo que muré.
Ocara	praça circular que ficava no centro da taba, cercada pela estacada, e para a qual abrião todas as casas. Composto de <i>oca</i> , casa e a desinencia <i>ara</i> , que tem; aquilo que tem a casa, ou onde a casa está.
Potyudara	comedor de camarão ; de <i>poty</i> — e <i>uara</i> . Nome que por desprezo davão os ennemigos aos Pytiguaras, que habitavão as praias e vivião em grande parte de pesca. Este nome dão alguns escriptores aos Pytiguaras, porque os receberão de seus ennemigos.
Pocema	grande alarido que faziao os selvagens nas occasiões solemnes como em começo de batalha, ou nas expansões da alegria; é palavra adoptada ja na língua portugueza e inserida no dicionario de Moraes. Vem de <i>pomão</i> e <i>cemo</i> clamar; clamor das mãos, porque os selvagens acompanhavão o vozear com o bater das palmas e das armas.
Andira	morcego: é em allusão á seu nome que Irapuam dirige logo palavras de despreso ao velho guerreiro.
Acacaty	Significava este nome bom tempo de ara e cátú. Os selvagens do sertão assim chamavão as brisas do mar que sopprão regularmente ao cahir da tarde, e correndo pelo valle do Jaguaribe se derramão pelo interior e refrigerão da calma abrasadora do verão. Dahi resultou chamar-se <i>Aracaty</i> o lugar de onde vinha a monção. Ainda hoje no Icó o nome é conservado a brisa da tarde, que sopra do mar.
Afflar	Sobre este verbo que introduzi na linua portugueza do latim <i>afflo</i> , já escrevi o que entendi em nota de uma segunda edicção da <i>Diva</i> que brevemente ha de vir a luz.
Anhanga	Davão os indígenas este nome ao espirito do mal; compõe-se de <i>anho</i> só e <i>anga</i> alma. Espirito só, privado de corpo, fantasma.
Camocim	vaso onde encerravão os indígenas os corpos dos mortos e lhes servia de túmulo; outros , dizem <i>camotim</i> , e talvez com melhor orthographia, porque se não me engano o nome é corrupção da frase com buraco <i>ambyra</i> defuncto <i>anhotim</i> enterrar— buraco para entrar ô defuncto— <i>c' am' otim</i> . O some dava-se também á qualquer pote.

continua

Guabiroba	Deve ler-se Andiroba. Arvore que dá um azeite amargo.
Cabellos do sol	em tupy <i>guaraciaba</i> . Assim chamavão os europeos que tinham os cabelos louros
Moquem	Do verbo <i>mocaém</i> assar na labareda. Era a maneira porque os indigenas conservavão a caça para não apodrecer, quando a levavão em viagem. Nas cabanas a tinham no fumeiro.
Senhor do caminho	assim chamavão os indigenas ao guia — de <i>py</i> -caminho e <i>guara</i> , senhor.
O dia vae ficar triste	Os tupys chamavão a tarde <i>carúca</i> , segundo o dicionario: segundo Lery, <i>che caruc acy</i> , significa—« estou triste.» Qual destes era o sentido figurado da palavra? Tiraão a imagem da tristesa, da sombra da tarde, ou a imagem do crepúsculo do torvamento do espirito ?
Jurupary	demonio; de <i>juruboca</i> e <i>apara</i> , torto, alejado. O boca torta.
Ubaia	fructa conhecida da especie engema. Significa fructa saudavel de <i>uba-fmctae aia</i> saudavel.
Jandaia	Este nome que anda escripto por diversas maneiras <i>nhendaia</i> , <i>nhandaia</i> e em todas alterado é apenas um adjectivo qualificativo do substantivo <i>ará</i> . Deriva-se elle das palavras <i>nheng</i> —fállar — <i>antan</i> , duro, forte, áspero, e <i>ara</i> desinencia verbal que exprime o agente — <i>nh' ant' ara</i> ; substituido o <i>t</i> por <i>d</i> — e o <i>r</i> por <i>i</i> , tornou-se <i>nhandaia</i> , donde <i>jandaia</i> , que se traduzirá por periquito grasnador. Do canto desta ave, como se vio, é que vem o nome de Ceará, segundo a ethmologia que lhe dá a tradicção.
Inhuma	Ave nocturna palamedea. A especie de que se falla aqui é a palamedea chavaria, que canta regularmente a meia-noite. A orthografia melhor creio ser <i>anhuma</i> , talvez do <i>anho</i> , só, e <i>anum</i> , ave agoureira condecida. Significaria então <i>anum solitario</i> , assim chamado pela tal ou qual semelhança do grito desagradável.
Inubia	Trombeta de guerra. Os indigenas, segundo Lery, as tinham tão grandes que medião um deametro na abertura.
Guará	Cão selvagem, lobo brasileiro. Provem esta palavra do verbo <i>u</i> comer, do qual se forma com o relativo <i>G</i> e a desinencia <i>ara</i> o verbal <i>g-u-ára</i> comedor. A sillaba final longa é a particula propositiva <i>ã</i> que serve para dar forca a palavra. <i>G-u-ára-ã</i> realmente comedor, voraz.

continua

Giboa	Cobra conhecida: de <i>gi</i> machado e <i>boia</i> cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; pode traduzir-se bem, cobra de arremesso.
Sucury	A serpente gigante que habita nos grandes rios e engole um boi. De <i>Suu</i> , animal e <i>cury</i> ou <i>curu</i> roncoador. Animal roncoador, porque de feito o ronco da sucury é medonho.
Si é que tens sangue e não mel	Allusão que faz o velho Andira ao nome de Irapuam, e qual como se disse significa mel redondo.
Ouve seu trovão	Todo esse episódio do rugido da terra é uma astúcia, como usavam os pajés e os sacerdotes de toda a nação selvagem para imporem á imaginação do povo. A cabana estava assentada sobre um rochedo, onde havia uma galeria subterrânea que communicava com a varzea por estreita abertura; Araken tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para occultar a gruta dos guerreiros. Nessa occasião a fenda inferior estava aberta e o Pagé o sabia ; abrindo a fenda superior, o ar encanou-se pelo antro espiral com estriador medonho, e de que pode dar uma idéa o sussurro dos caramujos.—O facto é pois natural; a apparencia sim é maravilhosa.
Abaty n'agua	Abaty — arroz; Iracema serve-se da imagem do arroz que só vicia no alagado, para exprimir sua alegria
Ubiratan	Pão ferro de <i>ubira</i> ;— pão e <i>antan</i> duro.
Maracajá	Gato selvagem.
Caetetus	Porco do mato, espécie de javali brasileiro. De <i>caeté</i> —mato grande e virgem—» e <i>suu</i> caça, mudado o <i>s</i> em <i>t</i> na composição pela euphoniada língua. Caça do mato virgem.
Jaguar	Vimos que guará significa voraz. Jaguar tem inquestionavelmente a mesma ethmologia; é o verbal <i>guara</i> e o pronome <i>ja</i> nós. Jaguar era pois para os indígenas todos os animaes que os devoravam. <i>Jaquareté</i> o grande devorador.
Anagê	Gavião.
Acauan	<i>Acauan</i> , ave ennemiga das cobras — de <i>caa</i> páu e <i>uan</i> — do verbo <i>u</i> , que come páo.
Sahy	Lindo passaro azul.

continua

Carioba	Camisa de algodão, de <i>cary</i> branco e <i>oba</i> roupa. Tinham também a <i>arassoia</i> de <i>arára</i> e <i>oba</i> , vestido de penas de arara.
A' cintura da virgem	Os indígenas chamavam a amante possuída <i>aguaçaba</i> , de <i>aba</i> , homem, <i>cua</i> , cintura, <i>caba</i> , cousa própria; a mulher que o homem cinge, ou traz á cintura. Fica pois claro o pensamento de Iracema.
Jacy	Alua. De <i>já</i> —pronome, nós, <i>cy</i> - mãe. - A lua exprimia o mez para os selvagens; e seu nascimento era sempre por elles festejado.
Fogos da alegria	Chamavam os selvagens <i>tory</i> , os faxos ou fogos; e <i>toryba</i> , a alegria, a festa, a grande copia de faxos.
Bucan	Significa uma espécie de grelha que os selvagens fazião para assar a caça; dahi vem o verbo francez <i>boucaner</i> . A palavra e da lingua tupy.
Acoty	cotia
Abactè	varão abalisado; de <i>aba</i> —homem e <i>etè</i> —forte, egrégio.
Jacaúna	jacarandá preto—de <i>jaca</i> , abreviação de jacarandá, e <i>una</i> , preto. Este Jacaúna é o celebre chefe, amigo de Martim Soares Moreno.
Coandù	porco espinho
Seu collar de guerra	O collar que os selvagens fazião dos dentes dos ennemigos vencidos era um brasão e tropheo de valentia.
Japy	significa, nosso pé, de <i>já</i> - pronome, nós e <i>py</i> pé.
Ibyapina	De <i>Iby</i> -terra e <i>apino</i> , tosquiar.
Jatobá	grande arvore real. O lugar da scena é o sitio da hoje Villa Viçosa, onde diz a tradição ter nascido Camarão.
Meruoca	De <i>meru</i> , mosca, e <i>oca</i> , casa. Serra junto de Sobral fértil em mantimentos.
Uruburetama	pátria ou ninho de urubus : serra bastante alta.
Mundahu	rio muito tortuoso que nasce na serra de Uruburetama. <i>Mundé</i> , cilada, e <i>hu</i> rio.
Polengi	rio que rega a cielaide do Natal, donde era filho Soares Moreno
As saborosas trahiras	E'o rio Trahiry trinta leguas ao norte da capital. De <i>trahira</i> , peixe e <i>y</i> , rio. Hoje é povoação e districto de paz.

continua

Soipé	paiz da caça. De <i>Sóo</i> caça, e <i>ipê</i> , lugar onde. Diz-se hoje Siupé, rio e povoação pertencente á freguezia e termo da Fortaleza, situada á margem dos alagados chamados Jaguarussú na embocadura do rio.
Pacoty	rio das pacohas. Nasce na serra de Baturité e lança-se no oceano duas legoas ao norte de Aquirás.
Iguape	enseada distante duas legoas de Aquirás. De <i>Ig</i> , água, <i>cua</i> , cintura e <i>ipé</i> , onde.
Mocoribe	morro de areia na enseada do mesmo nome á uma legua da Fortaleza; diz-se hoje Mucuripe. Vem de <i>Corib</i> alegrar e <i>mo</i> , particula ou abreviatura do verbo <i>monhang</i> fazer, que se junta aos verbos neutros e mesmo activos para dar-lhes significação passiva — exp. <i>caneon</i> , affligir-se, <i>mocaneon</i> fazer alguem afflicto.
Rio que forma um braço de mar	E' o <i>Parnahyba</i> , rio de Piauhy. Vem de <i>Pará</i> , mar, <i>nhanhe</i> , correr e <i>hyba</i> , braço; braço corrente do mar. Geralmente se diz que <i>Pará</i> significa rio e <i>Paraná</i> mar; é inteiramente o contrario.
Mayry	cidade. Talvez provenha o nome de <i>mayr</i> estrangeiro, e fosse applicado aos povoados dos brancos em opposição ás tabas dos indios.
Branços tapuios	em tupy, <i>tapuitinga</i> . Nome que os Pytiguaras davão aos francezes para differença-los dos Tupinambás. <i>Tapuia</i> , significa bárbaro, ennemigo. De <i>taba</i> , aldeia e <i>pyyr</i> fugir—os fugidos da aldeia.
Baluiretê	narseja illustre, de <i>batuira</i> e <i>etê</i> . Appellido que tomára o chefe pytiguara, e que na linguagem figurada valia tanto como valente nadador. E' o nome de uma serra fertilissima e da comarca que ella occupa.
Suas estrellas erão muitas	Conta vão os indigenas os annos pelo nascimento das pleiades no oriente ; e também costumavão guardar uma castanha de cada estação de caju, para marcar a idade.
Jatobá	arvore frondoza , talvez de <i>jetahi</i> , <i>oba</i> , folha e <i>a</i> , augmentativo; <i>jetary</i> de grande copa. E' nome de um rio e de uma serra em S. Quiteria.
Quixeramobim	segundo e Dr. Martius traduz-se por essa exclamação do saudade. Compõe-se de <i>Qui</i> , ah!, <i>xere</i> , meus, <i>amôbinhê</i> , outros tempos.
Caminho das garças	Em tupy <i>Acarape</i> , povoação na freguezia de Baturite á nove leguas da capital.

continua

Maranguab	A serra da Maranguape distante cinco léguas da capital, e notável pela sua fertilidade e formosura, O nome indígena compõe-se de <i>maran</i> guerrear e <i>coaub</i> sabedor; maran, talvez seja abreviação de <i>maramonhang</i> , fazer guerra, se não é, como eu penso, o substantivo simples guerrear, de que se fez o verbo composto. O Dr. Martius traz ethmologia diversa. <i>Mara</i> , arvore, <i>angai</i> , de nenhuma maneira, <i>guabe</i> , comer. Esta ethmologia nem me parece própria ao objecto que é uma serra, nem conforme com os preceitos da lingua.
Pirapora	Rio de Maranguape, notável pela frescura de suas águas e excellencia dos banhos chamados da Pirapora, no lugar das cachoeiras. Provem o nome de <i>Pira</i> , peixe, <i>pore</i> , salto : salto do peixe.
O gavião branco	Batuireté chama assim o guerreiro branco-, ao passo que trata o neto por narseja : elle prophetisa nesse parallelo a destruição de sua raça pela raça branca.
Porangaba	Significa bellesa. E uma lagoa distante da cidade ume légua em sitio aprasivel. Hoje a chamão Arronches: e as suas margens está a decadente povoação do mesmo nome.
Jererahu	rio das marrecas; <i>de jerere</i> —ou <i>irerê</i> , marreca, e <i>hu</i> , água. Este lugar ainda hoje é notável pela excellencia da fructa, com especialidade as bellas laranjas conhecidas por <i>laranjas de Jererahu</i> .
Sapiranga	lagoa no sitio Alagadiço Novo, a cerca de 2 léguas da capital. O nome indígena significa olhos vermelhos, de <i>ceça</i> , olhos e <i>piranga</i> , vermelhos. Esse mesmo nome dão usualmente no norte a certe ophtalmia.
Murityapuá	De <i>murity</i> —nome da palmeira mais vulgarmente conhecida por burity, e <i>apuam</i> , ilha. Lugarejo no mesmo sitio referido.
Aratanha	de <i>arara</i> , ave e <i>tanha</i> , dente. Serra mui fértil e cultivada em continuação da de Maranguape.
Pacatuba	De <i>paca</i> e <i>tuba</i> , leite ou couto das pacas. Recente , mas importante povoação, em um bello valle da serra da Aratanha.
Guayúba	De <i>goaia</i> , valle, <i>y</i> , água, <i>jur</i> , vir, <i>be</i> , por onde; por onde vem as águas do valle. Rio que nasce na serra da Aratanha e corta a povoação do mesmo nome á seis léguas da capital.
Ambar	As praias do Ceará erão nesse tempo muito abundantes de âmbar que o mar arrojava. Chamavão-lhe os indígenas, <i>Pira repoti</i> , estéreo de peixe.

continua

Coatyá	pintar. A historia, menciona esse facto de Martim Soares Moreno se ter coatyado quando vivia entre os selvagens do Ceará.
Coatyabo	A desinencia <i>abo</i> significar o objecto que soffreu a acção do verbo, e talvez provenha de <i>aba</i> , gente, creatura.
Colibri	Desse lethargo do colibri no inverno falia Simão de Vasconcellos.
Mocejana	Lagoa e povoação a 2 léguas da capital. O verbo <i>cejar</i> significa— abandonar; a desinencia <i>ana</i> indica a pessoa que exercita a acção do verbo. <i>Cejana</i> —significa o que abandona. Junta a particula mo do verbo <i>monhang</i> , fazer, vem a palavra a significar o que fez abandonar ou que foi lugar e occasião de abandonar.
Carbeto	Espécie de serão que fazião os indios á noite em uma caoana maior, onde todos se reunião para conversar. Leia-se Ives D'Evreux: Viagem ao norte do Brasil.
Monguba	Arvore que dá um fructo cheio de cotão. semelhante ao da sumauma, com a differença de ser negro. Dahi veio o nome a uma parte da serra de Maranguape onde tem estabelecimento rural o tenente coronel João Franklin de Alencar.
Imbú	Fructa da serrado Araripe que não vem no littoral. E' saborosa e semelhante ao cajá.
Jacarecanga	Morro de areia na praia do Ceará, afamado pela fonte de água fresca puríssima. Vem o nome de <i>Jacaré</i> , crocodilho e <i>acanga</i> cabeça.
Japim	Pássaro côr de ouro com encontros pretos e conhecido vulgarmente pelo nome de <i>soffrer</i> .
Folha escura	<i>Folha escura</i> , a muita, que os indígenas chamava <i>capixuna</i> — de <i>caa-</i> rama, folhagem , e <i>pixuna</i> escuro. Dahi vem a figura de que usa Iracema para exprimir a tristeza que ella produz no esposo.
Tupinambás	Nação formidável, ramo primitivo da grande raça tupy. Depois de uma resistência heróica, não podendo expulsar os portuguezes da Bahia emigrarão até o Maranhão onde fizeram allianca com os francezes que já então infestavão aquellas paragens. O nome que elles se davão significa— gente parente dos <i>Tupvs</i> — de Tupy — <i>anama</i> —aba.
Maracatim	Grande barco que levava na proa— <i>tim</i> —um <i>maracá</i> . Aos barcos menores ou canoas chamavão <i>igara</i> —de <i>ig</i> —água—e <i>jara</i> , senhor; senhora d'agua.

continua

Caiçara	Caiçara, de <i>cai</i> , pau queimado e a desinência <i>cara</i> , cousa que tem, ou se faz. O que se faz de pau queimado. Era uma forte estacada de pau a pique.
Bahia dos papagaios	E a bahia da <i>Jericoacoara</i> , de <i>jeru</i> , papagaio, <i>cua</i> , várzea, <i>coara</i> , buraco ou seio; enseada da várzea dos papagaios. E' um dos bons portos do Ceará.
Moacyr	Filho do sofrimento—de <i>moacy</i> , dôr e <i>ira</i> desinência, que significa sahido de
Faxa	E' o que chamão vulgarmente <i>typoia</i> ; rejeitou-se o termo próprio, do testo por andar degradado no estylo chulo.
Chupou tua alma	Creança em tupy é <i>pitanga</i> , de <i>piter</i> chupar e <i>anga</i> alma; chupa alma. Seria porque as creanças atrahem e deleitão aos que as vêem; ou porque absorvem uma porção dalma dos pães? Cauby falia nesse ultimo sentido.
Cariman	Uma conhecida preparação de mandioca. <i>Caric</i> , correr, <i>mani</i> , mandioca. Mandioca escorrida.
Tauape	<i>Tauape</i> , lugar de barro amarello, de <i>tauá</i> e <i>ipê</i> . Fica no caminho de Maranguape,
Piau	<i>Piau</i> , peixe que deu o nome ao rio Piauhy,
Velha-taba	traducção de <i>tapui-tapera</i> . Assim chamava-se um dos estabelecimentos dos Tupinambás no Maranhão.
Itaoca	casa de pedra, fortaleza.
Manacá	Linda flor. Veja-se o que diz a respeito o Sr. Gonsalves Dias em seu dictionario.
Copim	Insecto conhecido. O nome compõe-se de <i>co</i> buraco e <i>pim</i> ferrão:
Albuquerque	Jeronimo de Albuquerque chefe da expedição ao Maranhão em 1612.

Referências bibliográficas

ABREU, Mirhiane Mendes de. **Ao pé da página: a dupla narrativa de José de Alencar**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

AGUIAR, Maycon Silva; MOURA, Jonathan Ribeiro Farias de. Entrevista com José Horta Nunes. **Policromias - Revista de Estudo do Discurso, Imagem e Som**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 155-162, dez. 2017. ISSN 2448-2935.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. Rio de Janeiro: Empreza Nacional do Diario, 1857.

_____. **Iracema**. Rio de Janeiro: Typ. de Viana & Filhos, 1865.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1992.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **Discurso sobre alimentação nas enciclopédias do Brasil: Império e Primeira República**. Niterói: Eduff, 2017.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, p.163-183, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. Língua e Cidadania. **O Português no Brasil**. Campinas, Pontes, 1996. p. 127-138.

MEDEIROS, Vanise. Cartografias das línguas: Glossários para livros de literatura. **Revista Alfa**, São Paulo, v.60, n.1, p.79-93, 2016.

_____. Na urdidura das notas de rodapé, arquivos da língua. In: Venturini, Mara Cleci. (Org.). **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. 1ed. Campinas: Pontes, 2017. p. 89-108.

_____. Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo. **Confluência**, [S.l.], p. 143-156, jan. 2014.

_____. Les glossaires brésiliens dans la littérature : les savoirs sur la langue. Publicado: **Dossiers d'HEL, SHESL, Analyse et exploitation des données de corpus linguistiques**, Vol 10, Num 11, pp.67-79, 2017.

_____. A retórica da mediação: dois momentos. **Linguagem em (dis)curso**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 355-371, jul. 2019.

_____. Projeto Arquivos da Língua: Taunay, CNPq (PIBIC), 2015.

NUNES, José Horta. O discurso documental na História das Idéias Lingüísticas e o caso dos dicionários. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Impresso)**, v. 52, p. 81-100, 2008.

_____. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. **Letras (UFSM)**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008a.

_____. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: M. C. L. Ferreira, F. Indursky (orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 373-380.

_____. Definição lexicográfica e discurso. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, v. 11, n.11, p. 09-30, 2003.

_____. “Dicionarização no Brasil: condição e processos”. In: Nunes, José Horta; Petter, Margarida (Orgs.) **História do saber lexical: constituição de um léxico brasileiro**. SP: Humanitas; Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni P. Lexicografia Discursiva. Alfa: **Revista de Linguística (UNESP. Impresso)**. v. 44, p. 97-114, 2000.

_____, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2002.